

OCCIDENTENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte. m. forte)	36800	18900	5950	5120
Possessões ultramarinas (idem...)	46000	26000	8500	7100
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	9500	8100

16.º Anno — XVI Volume — N.º 511

Redacção — Atelier de Gravura Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

I DE MARÇO DE 1893



CHRONICA OCCIDENTAL

Veremos e fallaremos, diziamos nós ao fechar a nossa ultima chronica e no fim de tudo não vimos nem podemos fallar d'aquillo que promettemos e pela simples razão de não ser só o preto que deita boas contas, haver brancos que tambem as deitam e não passam d'ahi.

É bem certo que o homem põe e a bronchite dispõe.

Eu puz o meu programma, veio a bronchite e dispoz d'elle a sua vontade, tratou-o como paiz conquistado, fel o em farrapos, como se em vez de ser um simples e inoffensivo programma de chronica de theatros fosse um programma de politica ministerial.

Ella, o demonio da bronchite, já andava ha tempo a fazer-me fosquinhas: eu quiz brincar com ella e a patifaria vingou se fazendo-me estar ha perto d'uma semana mettido em casa, sem poder dar pio, porque a pateta, imaginando decerto que me fazia grande pirraça, atacou-me especialmente as cordas vocaes e poz-me a fallar de maneira, que o mudo d'Alcantara ao pé de mim seria quasi um orador.

Se esta chronica, em vez de ser escripta fosse fallada estavam os senhores muito bem porque não ouviam nem palavra; mas não senhor, a bronchite não me impede de escrever, só me impede de andar por uma parte e outra a ver coisas, para d'ellas lhes dar conta, como era meu dever, e em algumas cozas, mo seria meu prazer, como por exemplo, a exposição dos trabalhos do illustre esculptor Thomaz Costa, exposição que se inaugurou na segunda feira passada á tarde no Salão da Livraria Gomes, no Chiado, e para a qual o talentoso artista teve a amabilidade gentilissima de me convidar. Infelizmente não pude utilizar-me d'esse convite nem tão pouco ainda visitar essa exposição de que todos os jornaes di-

zem maravilhas, maravilhas em que acreditamos piamente porque conhecemos o brilhante talento do insigne esculptor.

A exposição consta d'um busto em marmore de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, que nos dizem ser formosissimo e d'uma pareença extraordinaria; d'um busto em bronze do sr. Antonio Nobre; d'um medalhão em marmore, retrato de madame E. K; d'uma cabeça d'estudo em marmore, d'um busto em bronze, Parisiense, de que todos fallam encantados, e d'uma estatua em bronze, David na infancia, que tem tido os elogios d'uma obra prima.

Sua Magestade a Rainha D. Amelia esteve na exposição no dia da abertura e louvou muito o illustre artista pelos seus notabilissimos trabalhos, que tem sido já vistos e admirados por toda Lis-

boa e que espero ver logo que a bronchite me dê licença para sahir á rua.

A estreia do tenor Gabrielelesco poude eu ir, antes de lhe cahir nas garras, já com um bocadinho de tosse, mas sem a febre, a rouquidão, a oppressão, que me tem agora entretido as horas de ocio e de trabalho.

O sr. Freitas Brito inaugurou este anno em S. Carlos um systema de administração theatral, que eu ha muito tempo me admirara de nenhum empresario de theatro lyrico ter ainda ensaiado, e que me parecia ser de grande vantagem para o publico e para a empresa, o systema de renovar a companhia, uma vez mesmo, se bem me lembro, no baile do sr. Marquez da Foz, estive fallando a respeito d'isso com o pobre Campos Valdez, então empresario de S. Carlos e que me

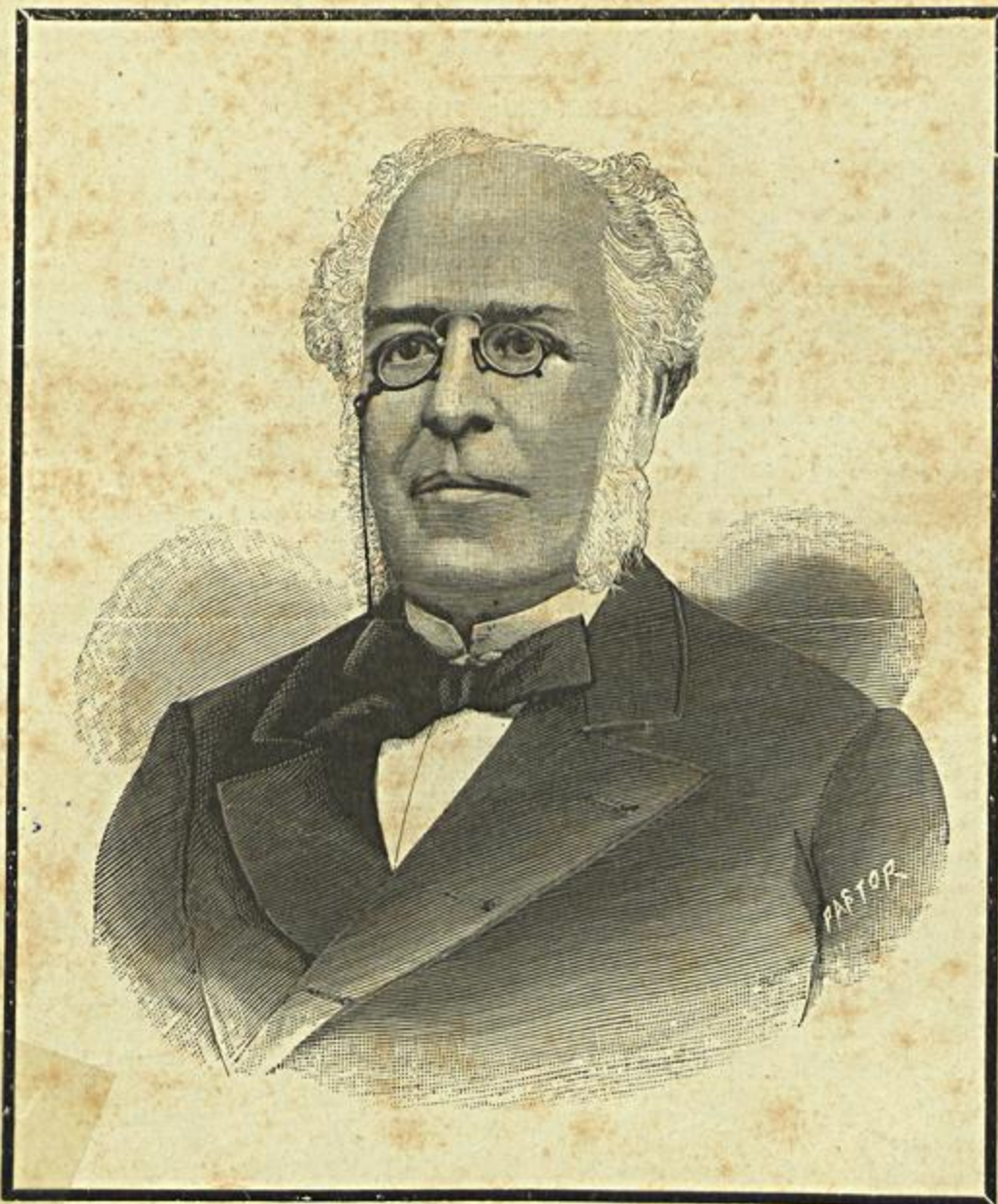
deu como unico argumento contra essa renovação de companhia, a dificuldade de achar artistas que acceitem sómente escripturas por meia época.

O sr. Freitas Brito venceu essa dificuldade e elle e nós estamos tirando d'isso todo o proveito: elle porque vê o theatro de S. Carlos todas as noites cheio; nós porque ouvimos diferentes artistas e deixamos-nos de contas, a variedade é tudo n'este mundo, é pela variedade das suas scintillações que o brilhante é a primeira pedra entre todas as joias.

Depois de trazer o Masini, a empresa de S. Carlos apresentou agora o Gabrielelesco: depois do Cansini, o Kaschmnn, e o Tabuyo, depois do tenor Copolla o tenor Colli e agora o tenor Metellio, depois da sr.ª Cassandro, a sr.ª Ruanova, depois da sr.ª Angeloni a sr.ª Salvatori. Ora isto é muito agradável, quando a mudança sobretudo é para melhor.

Em S. Carlos este anno pode-se dizer abertamente que o foi, e o unico ponto onde pode haver duvida é na substituição do Masini pelo Gabrielelesco.

É claro que o Massini tem uma voz deliciosa, apesar da velatura que a vae já prejudicando, que tem uma facilidade maravilhosa de vocalisação, e que nenhum tenor do mundo, e por isso elle é ainda o primeiro no seu genero, pode disputar-lhe primasias nas habilidades de vocalisação, no pri-



DR. CARLOS ZEFERINO PINTO COELHO, FALLECIDO EM 24 DE FEVEREIRO DE 1893

meiro acto do *Barbeiro* por exemplo, em que elle, com a Patti ao lado, no palco de S. Carlos, elle já conhecido e a Patti nova para o nosso publico, chegou por vezes a empalmar-lhe o successo.

Mas como artista o Masini deixou-nos sempre immenso a desejar: não cuidava os seus personagens, não os destacava uns dos outros, fazia o Lohengrin como fazia o Almaviva, e não só não cuidava os seus personagens, como também não cuidava a sua pessoa, com uma semcerimonia para com o publico, que ás vezes chegava a parecer menos consideração. E por tudo isso, como talento, como distincção, como linha artistica, como intuição dramatica e talento comediante preferimos-lhe mil vezes o Gabrielelesco.

Na noite da sua estreia o illustre artista roumaico não estava na plena posse dos seus valiosos recursos artisticos. Alem de muito nervoso, como está sempre nas primeiras noites, Gabrielelesco estava com uma affecção na larynge, que o obrigava a um grande esforço para cantar, esforço que deu em resultado um abaixamento de voz, de que se tem estado tratando, e de que felizmente vae melhor, segundo nos consta pelo seu medico, o nosso querido amigo e illustre clinico homoeopata o Dr. Korth.

Apesar porém de estar vesivelmente incommodado, Gabrielelesco teve trechos nos *Huguenottes* que cantou esplendidamente, com uma grande bravura, foi muito applaudido, tendo uma ovação na romanza do 1.º acto e chamadas no fim do 4.º acto.

Gostámos muito mais de ver a sr.ª Arkel nos *Huguenottes* do que na *Norma* mas ainda assim não nos satisfiz tão completamente como na *Elsa do Lohengrin*.

A sr.ª Arkel tem os defeitos das suas grandes qualidades de cantora Wagneriana, a frieza, a falta de paixão, o excesso da pose de semi deusa.

Mas como é muito artista, como é intelligente a sr.ª Arkel vence com a sua arte as deficiencias de temperamento e dá-nos uma Valentina muito distincta, que o publico por vezes applaudiu e sempre com justiça.

A sr.ª Regina Paccini cantou a parte de Margarida de Valois e deu-lhe o relevo excepcional da sua excepcional virtuosidade, e teve nos *Huguenottes* uma calorosa e entusiastica ovação.

Ha vinte e seis annos, desde que esse papel foi feito em S. Carlos pela celebre Voipini, que a parte de Margarida de Valois não tinha n'aquelle desempenho que se parecesse com o d'este anno.

Nos *Huguenottes* estrejaram-se dois artistas novos: o baixo Rossi, que tem uma bella voz, sabe cantar e agradou muito, e o barytono Tabuyo que agradou menos, mas não desagradou.

A sr.ª Salvatori houve-se gentilmente na parte de pagem Urbano, e o baixo Fiegna cantou muito bem a parte de Saint Bris.

Por causa da doença de Gabrielelesco, na segunda e terceira recitas dos *Huguenottes* foi o illustre artista substituido pelo tenor Metelio, que se estrejou assim do pé para a mão, no papel de Raul.

Não o ouvimos mas sabemos que agradou e consta nos que é um bom artista da escola franceza, já um pouco longe da mocidade mas senhor da sua arte.

*
*
*

A novidade é uma grande coisa, dissemos, e assim é, e por esse motivo os lisboetas devem estar duplamente contentissimos, porque teem cantores novos em S. Carlos e ao mesmo tempo ministros novos no poder.

Não virei dar-lhes agora a novidade da queda do ministerio Dias Ferreira, e da nomeação do ministerio Hintze Ribeiro.

A noticia é já velha, e quando sahio o ultimo numero do nosso jornal já a ella se referiu na sua revista politica o nosso bom collega João Verdades.

Tão pouco tentarei, contra o meu costume, metter fouce em ceara alheia, fazer uma apreciação do novo ministerio, e tomando ares de borda d'agua politico, começar a prophetisar a chuva ou o bom tempo que dará o novo governo.

E não farei isso, primeiro porque não sei, segundo porque é completamente inutil hoje estar a fazer vaticinios de temporaes ou de dias bonancosos, visto que ha uns annos a esta parte, o paiz está permanentemente de camaroeiro içado, suba ao poder quem subir.

O novo ministerio é todo composto de homens muito intelligentes e de homens honradissimos.

Cinco dos ministros entram pela primeira vez no poder agora e a sua entrada foi geralmente bem recebida, tão bem quanto o pode ser n'este tempo em que a desesperança, que é ainda peor que a desconfiança, anda na ordem do dia.

O novo ministerio fará alguma coisa? Ninguem o sabe. Que elles são homens de talento e homens de bem isso são; que teem boa vontade, isso teem também com certeza, porque o aceitar o poder n'estes tempos não é nem uma sinecura, nem um divertimento, e talento, honradez e boa vontade, são já tres bellos triumphos no jogo. Que ganhe a partida é o voto que fazemos!

*
*
*

Falleceu o sr. dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho, o chefe do partido legitimista em Portugal, director e fundador da Companhia das Aguas e uma das mais gloriosas illustrações do fóro portuguez.

Homem de poderoso talento, de vastissima illustração, de grande copia de conhecimentos, character honradissimo de inquebrantavel hombridade e de irreprehensivel lealdade, o dr. Pinto Coelho era muito conhecido em Lisboa, muito querido, muito justamente estimado e respeitado.

O enterro do dr. Pinto Coelho foi uma manifestação brilhantissima das profundas sympathias que esse venerando e respeitavel velho tinha, não só em Lisboa mas em todo o paiz, pois das provincias vieram numerosos representantes encorporar-se no prestito funebre, que foi imponentissimo.

A' desolada familia do illustre finado e em especial ao nosso particular e presado amigo o sr. dr. Domingos Pinto Coelho seu filho, a expressão do nosso sentido pezame pela perda enorme que soffreu, e do nosso profundo pesar por nos ter a falta de saude impossibilitado de tomar parte na grande e derradeira homenagem, que Lisboa prestou ao seu querido e chorado morto.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

DR. CARLOS ZEFERINO PINTO COELHO

Ainda ha bem pouco tempo o OCCIDENTE publicou o retrato do Dr. Pinto Coelho quando tratou das festas Columbinas de Madrid, em que elle foi tomar parte como membro do congresso juridico que ali se reuniu, e acompanhou esse retrato com um bello artigo do nosso dedicado colaborador e amigo o sr. Manoel Barradas.

Bem longe estavamos, então, de que tão cedo tivéssemos que tornar a publicar o seu retrato, para commemorarmos o passagem d'este portuguez, por tantos respeitos notavel, passagem que representa uma verdadeira perda nacional.

Chamamos-lhe portuguez e muito intencionalmente o fazemos, porque mui poucos vão havendo d'aquelle tempera.

Que desmoronar este d'esta pobre patria em que parece que tudo conspira para a anniquillar!

Pinto Coelho estava cheio de vida, apesar da idade, mas a sua ultima viagem a Madrid abalou-lhe a saude. Veio de lá doente, doença que foi augmentando e que por fim o victimou.

Esperavamos acompanhar agora o seu retrato com um artigo devido a pena mais competente do que a nossa, á pena de um seu amigo intimo, que lhe conhecia todos os dotes d'aquelle espirito de eleição, que podia emfim desenhar com correção e firmeza aquelle character inquebrantavel e bom, mas a doença impossibilitou-o de, n'este momento, poder satisfazer o nosso desejo, e por isso nos limitaremos a transcrever algumas notas biographicas do illustre morto, que encontramos em o nosso collega *A Nação*.

O Dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho contava setenta e tres annos e meio, pois nasceu em 26 de agosto de 1819, na cidade de Beja, e era filho do dr. Francisco Pinto Coelho, afamado advogado, e que servira os cargos de auditor, juiz de fóra, corregedor e de embargador.

Aos 19 annos, tendo concluido os estudos preparatorios, começou estudos superiores com os frades do convento do Carmo, em frente de cujas ruinas e em propriedade sua viveu a maior parte dos annos. Em 1838 matriculou-se na Universidade, onde cursou direito, obtendo o primeiro premio nos annos de 1839, 1840, 1841 e 1842, e o segundo em 1843, em que se formou. Tendo concluido o curso, começou a praticar no escriptorio

de seu pae e em 8 de janeiro de 1846 inscrevia-se como advogado nos auditorios da capital.

Como advogado Pinto Coelho defendeu perante a camara dos Pares o conselheiro Silva Ferrão, juiz do Supremo Tribunal de Justiça; perante o Conselho de Guerra o alferes Couceiro, alumno da Escola do Exercito; perante o Supremo Tribunal de Justiça, e ainda ultimamente, a irmã Collecta; perante outros tribunaes uma infinidade de causas, d'entre as quaes encontramos noticia das seguintes, como tendo deixado echo:

Defeza do *Periodico dos Pobres*, em 1854.

Defeza de um cocheiro que chicoteára um cão, por cujo dono foi esbofetado, e a quem esfaqueou.

Processo de André Duenes, roubo e homicidio, em que foi acompanhado pelos então noveis advogados Visconde de Ouguella e Vicente Monteiro.

Accusação por parte do Banco de Portugal contra o Conde de Penamacôr, defendido por Barjona de Freitas.

Processo do marchante conhecido pela alcunha de Conde de Lipe, em que o réu accusado de envenenamento era defendido por José Estevão.

Defeza de uma senhora accusada de adulterio, e de tentativa contra a vida do marido, e que foi absolvida.

Processo da fallencia Bessonne, perante o Tribunal do Commercio, como advogado do Banco de Portugal.

Defeza da *Nação*, por mais de uma vez, havendo impresso em folheto o seu discurso, com respeito á querella do n.º 1:156 d'aquelle jornal, folheto hoje rarissimo.

E ainda ultimamente fôra encarregado de advogar os direitos da sr.ª condessa de Penha Longa, no litigio que corre sobre a importante fortuna legada pelo conde do mesmo titulo.

Era vice-presidente da Associação dos advogados, de que é presidente outro illustre legitimista, o sr. dr. Manuel Maria da Silva Beirão, o decano dos advogados da capital.

Representou essa Associação no congresso juridico de Madrid, realisado ha pouco, e onde occupou o lugar de presidente honorario, unico membro do congresso que, sem ser chefe do Estado, foi elevado a essa cathogoria.

Logo depois do seu regresso da Universidade, entrou na vida politica, e quando o partido legitimista resolveu em 1857 propôr candidatos seus ás eleições de deputados, Pinto Coelho foi um dos escolhidos para apresentar a candidatura ficando eleito por Guimarães. Tornou depois á camara por Povoá de Lanhoso e por Braga até 1866.

Teve occasião de revelar o seu talento e dotes parlamentares, terçando armas com os mais vigorosos oradores do partido liberal, taes como Casal Ribeiro, Mendes Leal, José Estevão Rebello da Silva, e onde teve por companheiros os seus correligionarios, Pereira da Cunha, Beirão, Guerra, Telles Caldeira, Estevão Palha, José de Magalhães, e outros, de quem elle era o ultimo vivo e que se unaram de apoiar a palavra vehemente, de uma energia extraordinaria, de uma argumentação intangivel, de quem os proprios adversarios diziam, como a *Revolução de Setembro*:

«Notamos sempre nas palavras do illustre orador o accento de uma convicção profunda, que não podemos deixar de respeitar, e no nervo da logica, na força da argumentação vemos a robustez d'uma intelligencia que não nos cansaremos de admirar».

Foi por varias vezes ao exilio prestar sua homenagem á Real Familia Proscripta e esteve com o sr. D. Miguel I em Londres, por occasião da exposição de 1862, com a commissão legitimista que acompanhou El-Rei áquelle acto. Em uma photographia, que então se tirou n'aquelle capital, está o retrato de Pinto Coelho no grupo do sr. D. Miguel com os portuguezes.

Por algumas vezes fez também parte dos corpos dirigentes do nosso partido, e ultimamente, em janeiro de 1891, foi nomeado presidente da direcção do partido.

Como não quizesse tomar deliberações que não fossem decisivas, não tomou nenhuma que não fosse demoradamente estudada e discutida. E assim é que, tendo feito um longo relatório que enviou ao sr. D. Miguel II, recebeu inteira approvação de seus actos e das medidas propostas. A doença e agora a morte vieram tolher o passo aos trabalhos apenas começados. Ainda assim, os de 18 e 19 de setembro ultimo, e depois a lucta eleitoral foram trabalhos já levados a cabo com approvação do Real Proscripto.

A reorganisação do partido em commissões regionaes, e a da imprensa legitimista eram os trabalhos a que ao presente se entregava com maior

solicitada a afincos, dando-se a triste coincidência de estar convocada uma reunião de alguns dos nossos amigos para o dia do seu funeral.

O abastecimento de agua de Lisboa, bastaria para fazer o seu elogio e para ter direito á gratidão dos habitantes d'esta cidade.

A lucta travada por Pinto Coelho para levar a cabo esta grandiosa empreza é bem conhecida, e dá a medida do seu extraordinario talento e energia.

Este trecho de um discurso do sr. dr. Francisco Beirão resume de fórma brilhante a grande obra de Pinto Coelho.

«A companhia das aguas! — que dispendio enorme de talento, sagacidade, perseverança, tacto administrativo, financeiro e até diplomatico, lhe tem custado essa grandiosa empreza! Elle foi, como Moysés, fez jorrar em Lisboa, aos golpes da vara magica da sua intelligencia, a agua do Alviella. E, quantas vezes, tambem o povo, como de Israel, se tem insurgido contra elle! Mas Pinto Coelho em vez de quebrar as tabuas da lei, usa, a cada uma d'essas revoltas, proclamar ás tribus do alto da sua Presidencia, e com tal acerto o faz, que os seus manifestos são sempre o *quis ego* com que amança furores e quebra iras.»

Lisboa deve-lhe, pois, um dos maiores beneficios de que hoje goza, beneficio importante para a sua hygiene, e de grande auxilio para muitas industrias.

O glorioso extinto deixa boa memoria de sua vida. Foi util ao seu paiz, foi uma gloria da patria, respeitada no estrangeiro, onde o seu nome era conhecido entre o dos portuguezes illustres pelo talento e pelo character.

Entre os antagonismos da politica, todos reconheciam o seu talento, todos respeitavam as suas virtudes.

É que ha uma coisa superior que se impõe em toda a parte e a que todos tem de se curvar: é a honradez.

JUBILEU DE LEÃO XIII

LUZ NO CEU

Ao deparar-se-nos o quadro de Chartran representando o Papa Leão XIII sentimos a mesma impressão que nos descreve o illustre jornalista de *L'Univers* — e por isso damos hoje a gravura, do mesmo retrato, no OCCIDENTE — isto é, se um grande pintor houvesse de grupar n'um só quadro todas as summidades da Igreja, a figura do primeiro plano, a que se destacasse pelo seu porte distincto, superior, imponente, não seria não podia ser outra, senão a de Leão XIII.

É um quadro original e unico, a violencia do escarlate com a doçura do branco arminhado, casam-se n'uma harmonia encantadora.

As nobres feições de Leão XIII, accusam, o seu espirito bondoso de um carinho suave, a par da finissima intelligencia que se esflora no sorriso que lhe desprime os labios.

Toda a imprensa europea se tem referido a esta obra, a todos os respeitos notavel, porque além do altissimo valor do *modello* que n'este momento é o maior homem d'Estado, e o maior monarcha do mundo, o quadro é uma producção prima de um artista eleito e portanto um acontecimento artistico para os *amateurs*.

Até aqui a obra de arte.
Tratemos agora da obra divina.

*
*
*

Emquanto a maior parte dos *grandes* politicos de Portugal só pensam em enriquecer-se á custa do sacrificio dos trabalhadores sinceros, Leão XIII o impeccavel rei de consciencias vae resolvendo os problemas sociaes segundo as leis de Block e Engel.

É com a sua Fé que se torna a Sciencia vencedora, é com a sua Sciencia que se alarga e difunde a Fé.

Leão XIII nasceu a 2 de março de 1810. Oriundo de familia nobre e filho de Dona Anna Proserpi Buzi di Cori e do conde Luiz Pecci, dos Pecci de Senna, tem os nomes de Joaquim Vicente Raphael Luiz Pecci, e veio á luz na pequena cidade de Carpineto pertence da diocese de Anagni, cidade distante quinze leguas de Roma. (1)

(1) Vid. OCCIDENTE vol. XI, pag. 40. Casa onde nasceu Leão XIII, na Villa de Carpineto.

A familia Pecci, uma das mais distinctas da Italia é conhecida n'aquella nação desde 1340. Tem na sua opulenta arvore genealogica cabos de guerra como Emilio João Pecci, que tão denodadamente defendeu Famagosta contra os turcos, Francisco Pecci, abalisado capitão que se distinguio ao serviço dos doges de Veneza, — no fóro tambem José Pecci augmentou o brilho de tão augusta familia merecendo que Pio VI e Pio VII lhe confiassem o primeiro a questão da familia Braschi, e o segundo pontifice lhe conferisse o importantissimo cargo de commissario geral da Camara Apostolica, — na litteratura Desiderio Pecci e Thomaz Pecci se tornaram bastante notaveis, — na Igreja em 1417 foi bispo de Grosetto João Pecci, bispo de Malta em 1679 Paulo Pecci, e em 1710 José Pecci bispo de Grosetto e João Baptista Pecci foi bispo eleito de Segni, depois de ter sido vigário geral de Anagni.

Joaquim Vicente Raphael Luiz Pecci, hoje Leão XIII, Summo Pontifice, é actualmente o 263.º Papa que se senta na cadeira do príncipe dos Apostolos.

Aos quinze annos era Vicente Pecci um dos estudantes d'Italia mais laureados, e, cinco annos depois, inscrevia-se nos registos do collegio Romano como alumno de theologia. Sob a direcção de notabilidades da Sciencia, como João Perrone e Francisco Patrizzi, avigorou-se a intelligencia do moço Vicente Pecci e expandio-se-lhe o talento.

Em 1830 matricula-se Pecci em theologia da Universidade Gregoriana e foi aqui onde elle teve o convívio intimo com João Perrone e o auctor dos *Commentarios sobre as Sagradas Escripuras*.

Em 1832 recebe o grau de Douctor em theologia, tinha vinte e dois annos. Foi n'este anno que a familia nobre dos Pecci decidio qual a carreira que deveria seguir o joven Joaquim Vicente.

A dedicar-se particularmente ao mister parochial, ou ficar ao serviço da Santa Sé, era o futuro de Joaquim Vicente Pecci. Decidiu-se pelo serviço do Papa, e entrou na Academia de ecclesiasticos nobres que habilita para as carreiras diplomatica ou administrativa do governo pontificio. Annos depois, em 1837, o Papa Gregorio XVI não estimando menos que os seus predessores, Leão XII e Pio VIII, o sabio e talentoso Vicente Pecci eleva-o a seu prelado domestico honra que tendia mais a aquilatar as suas raras virtudes do que distinguir a nobreza que herdara.

Logo se affirmou o homem d'Estado em Pecci. A 16 de março do mesmo anno nomeado referendario da Côte da assignatura e seguidamente collocado entre os prelados da Congregação do *Bom Governo*, especialmente encarregado da parte financeira dos municipios dos Estados Pontificios.

Finalmente no mesmo dia em que começava o anno de 1838 é que o joven sacerdote Vicente Pecci sobe pela primeira vez ao sagrado altar afim de prodecer ao santo sacrificio da Missa. No mez seguinte é nomeado governador de Benevento, aos vinte oito annos.

Nos principios d'este seculo eram, em geral, as provincias limitrophes dos Estados Pontificios fronteiriços de Napoles, ou como se dizia então, Reino das Duas Sicilias, quasi todas infestadas de bandidos.

A provincia de Benevento era uma d'ellas. O bandido de ordinario vivia á larga porque o protector era o *politico*, exactamente como entre nós; um dia o futuro Leão XIII foi procurado por um grande politico da provincia, queixando-se do atrevimento que tiveram alguns officiaes das tropas pontificias entrando nas suas propriedades em perseguição dos mesmos malfeteiros. Em vão monsenhor Pecci quiz convencer o *grande influente* de que a lei era igual para todos, e dos que estavam em mais elevada posição é que deveria partir o exemplo de acatamento e obediencia a ella, — porque o arrogante politico indignado com taes argumentos declarou partir immediatamente para Roma regressando de lá com a demissão do governador de Benevento.

Pecci mui serenamente com o grande sangue frio que já fazia adivinhar o grande monarcha de hoje, disse simplesmente:

— V. Ex.ª póde fazer o que entender eu porém tenho a prevenil-o de que antes de entrar em Roma tem de passar pelo castello de Santo Angelo e se parar ali, a sua queixa não chega ao Vaticano.

Esta resposta desorientou de tal guisa o influente politico, protector de bandidos, que entendeu por bem não fazer resistencia e deixar prender os ladrões que elle abrigava no seu palacio.

Este rapido traço dá bem a ideia do character levantado e da altissima virtude do sabio Pecci.

De maio de 1841 a janeiro do anno seguinte é monsenhor Pecci chamado a Roma, nomeado delegado de Espoleto e pouco depois em Perusa.

Gregorio XVI envia Pecci ao grande centro agita-

do, a Perusa, lá o *politico* como em Benevento tambem fazia das suas.

Monsenhor Pecci desempenhou tão habilmente a espinhosa missao que o Santissimo Padre resolveu dar-lhe commissão de mais larga esphera, e, nomeando o nosso biographado, em Bruxellas, Nuncio Apostolico, lança o definitivamente na carreira diplomatica. Esta nunciatura durou de 1843 a 1846.

Por este tempo, 1846, é elevado a bispo de Perusa ao passo que por fallecimento de Gregorio XVI era elevado a Summo Pontifice Masttai Ferretti com o nome de Pio IX.

São tão importantes os serviços de Pecci, quando bispo de Perusa, que em 1853 um dos mais celebrados actos do governo de Pio IX foi nomeal-o cardeal.

Durante a tormentosa epocha das revoluções de Italia o cardeal Pecci foi sempre um dos prelados mais queridos de todos os campos politicos.

São notaveis de erudicção pelo estudo completo das questões palpitantes do tempo as pastoraes do cardeal Pecci *A Igreja catholica e o Seculo XIX* de 1876, e as de 1876 e de 1878 sobre *A Igreja e a Civilisação*.

*
*
*

A 20 de fevereiro de 1878 tem logar o conclave em cuja eleição é eleito Papa com o nome de Leão XIII, Joaquim Vicente Pecci bispo de Perusa e Cardeal.

É certo que foram de tal modo firmes os primeiros passos do novo Summo Pontifice que todos se lembram ainda das admiraveis encyclicas de Leão XIII desde a primeira intitulada *Inscrutabili* e a *Immortale Dei* até á ultima ao povo italiano que deram ao actual Papa logar proeminente entre todas os possuidores da Cadeira de S. Pedro.

O modo superior como este Pontifice se acha ligado com os governos da Allemanha, Austria, Russia, Hespanha, Portugal, Inglaterra, França e Estados Unidos d'America aviva um sincero entusiasmo pelo grande genio que hoje preside á religião catholica.

Realmente, attender ás questões de economia social, estudar e receber de frente o embate do quarto estado e dirigil-o, e oriental-o, e dominal-o por fim, empolga-nos a impressão, o sentimento, levando-nos a perguntar: *que chefe de Estado maior do que este possui o mundo?*

E depois a protecção, o incentivo, que Leão XIII tem dado ao artista, ao escriptor, a todo o desprotegido que trabalha, que lucta para vencer em prol da Humanidade, dá a este incontestavel grande monarcha, uma grande supremacia sobre todos os chefes de Estado do mundo.

É uma grande intelligencia um grande coração, e o supremo luminar da Igreja.

Manuel Barradas

A MISSA DO JUBILEU EPISCOPAL DE S. S. LEÃO XIII

No dia 19 de fevereiro a cidade eterna vestia as suas melhores gallas para celebrar o jubileu episcopal de Leão XIII, o pontifice querido de toda a orbe catholica.

Os sinos da grande basilica de S. Pedro tocavam festivamente chamando os catholicos á oração. O concurso de povo é superior a cincoenta mil pessoas.

As trombetas do Vaticano tocam a marcha pontificia, é Leão XIII que sae dos seus aposentos e se dirige á capella do Sacramento onde faz a sua primeira oração, para passar á da Piedade, onde é recebido pelo cardeal Arcipreste e o Capitulo de canonicos mitrados de S. Pedro, e onde se reveste com os paramentos pontificiaes, sendo depois conduzido na cadeira gestatoria, acompanhado de sua grande comitiva e guarda nobre, apparece no templo ao povo.

N'aquelle momento uma explosão de acclamações irrompe de todo o auditorio, vivas ao Papa, a Leão XIII, ao Chefe da Igreja, ao Pontifice e ao Papa-Rei, pronunciados em todos os idiomas do mundo echoam estrondosamente, nas abobadas da basilica.

Uns se prostam á sua passagem, mulheres do povo choram commovidas e damas, com os olhos marejados de lagrimas agitam no ar os seus lenços, saudando o pontifice; estes applausos resoam por mais de 15 minutos em todo o ambito do templo. Estas manifestações são ainda mais grandiosas que as do jubileu de 1888.

JUBILEU DE SUA SANTIDADE LEÃO XIII

19 DE FEVEREIRO DE 1893



SUA SANTIDADE O PAPA LEÃO XIII

CÓPIA DO RETRATO ULTIMAMENTE PINTADO POR T. CHARTRAN

O cortejo que precede e segue o Santo Padre é vistoso e imponente. Forma-o, depois das diversas guardas, todos os mestres de ceremonias; os cavalleiros de capa e espada, com o elegante traje de Felipe II de Hespanha; os dignatarios que compõem a cõrte Pontificia; os *flabeus* agitando os seus grandes leques de penas; os *buçolantes* com seus trajes vermelhos como os conselheiros da Republica de Veneza; os protonotarios apostolicos, os camaristas secretos participantes, os prefeitos de ceremonias, os capitães da guarda suissa, verdadeiros gigantes, com suas enormes espadas erguidas em continencia; os *exentos* da guarda nobre; os capellães cantores pontificios, os geraes das Ordens, os patriarchas, arcebispos, e bispos; o Sacro Collegio e junto á cadeira gestatoria o principe Orsini, assistente ao solio pontificio, com os principes Ruspoli, Masino e Barberini, que desempenham outros cargos honorificos da cõrte papal.

Um cõro sublime ento a cantico *Ecce Sacerdos magnus*, e enquanto o Papa se despoja dos seus habitos pontificaes para revestir a cazula com que vae celebrar a missa, a Capella Sixtina ento a hymno de *Tu es Petrus*, o Salmo *Jubilare Deo omnis terra*, e as sublimes palavras do Profeta Isaias, *Spiritus Domini super me*.

Na missa, que Sua Santidade recita com admiravel clareza e agilidade, ajoelhando e erguendo-se sem ser ajudado, percebendo-se perfeitamente as orações que diz, e as palavras sublimes que pronuncia ao elevar a Hostia, Leão XIII é assistido pelos arcebispos do capitulo de S. Pedro, Samminiatielli e Caselta, pelo Auditor e o sacristão do Pontifice, enquanto os canonicos da basilica se agrupam sobre os degraus do altar.

Momento sublime foi o da elevação da Hostia, porque, enquanto aquelle immenso concurso de povo e de grandes da terra, cheios da mais profundissima emoção se ajoelha aos pés do Vigario de Christo, uma harmonia celestial, que parece descida das altas regiões, entou com suas trombetas de prata o hymno que o universo catholico eleva ao Senhor. Dir se-hia que os ceus se abrem para receber a oração do representante de Deus na terra, e que um cõro de anjos celebra as suas bodas episcopaes. A emoção não pôde ser maior, quando, durante a consagração, outro cõro de meninos apparece na cupula, a cujas vozes infantis, mas harmoniosas, respondem do templo o cantico dos tenores, barytonos e baixos das diversas basilicas, e se executa o hymno composto por Mustafá em holocausto ao Pontifice, e cujas notas se associam admiravelmente ás palavras, exprimindo a alegria do povo christão, na festa do seu augusto Padre.

Concluiu-se a missa; Leão XIII e o povo entoam o rosario e a este segue-se o *Te Deum*, iniciado com voz firmissima pelo Papa, e cujos versiculos são cantados pela Capella Sixtina, alternando as suas estrophes com as de todas as basilicas.

O Santo Padre descansou alguns momentos, e revestindo-se novamente com o manto pontifical e empunhando a tiara ou corõa dos tres reinos, apparece rodeado do mesmo esplendoroso cortejo que o acompanhou ao templo, e no meio da basilica, dando a frente ao povo, lê no missal que lhe apresenta o Cardeal Arcipreste da Igreja, as orações do ritho que precedem a benção apostolica.

Erguendo-se sobre um alto estrado, abrindo os seus braços ao immenso concurso de fieis, e fazendo tres vezes o signal da cruz, abençoa o povo para que leve as suas palavras ao orbe inteiro em nome de Deus Omnipotente, Padre, Filho e Espirito Santo, afim que desça sobre as almas e sobre os corações. Um amem solemnissimo responde durante muitos minutos, enquanto os cardeaes diaconos, Mazella e Verga, que assistem ao Pontifice, promulgam as amplas indulgencias que acompanham a benção apostolica.

Assim se concluiu a cerimonia e Leão XIII recolhe aos seus aposentos, acompanhado pelas mais calorosas ovações que se prolongam até o Sumo Pontifice desaparecer na capela da Piedade e depois na do Sacramento.

É indiscriptivel o espectáculo que a praça de S. Pedro apresenta com a enorme multidão que sae do templo. Todas as basilicas, igrejas e mais edificios, entre estes os palacios das Embaixadas junto da Santa Sé, se illuminaram vistosamente durante aquella noite, vendo se pela primeira vez, desde 1870, illuminada a fachada da igreja Vaticana e a Columnata de Bramante.

Estas grandes solemnidade pontificias são de um esplendor incomparavel e só pôde fazer ideia de toda a sua grandeza, quem tem a fortuna de as ellas assistir.



D. JOSE ZORRILLA

II

(Continuado do n.º 510)

Espronceda nasceu em 1810; n'aquelles dias solemnes da historia da peninsula, em que ella combate pela independencia. Zorrilla nasceu sete annos depois; e, filho de um homem que servira o antigo regimen na magistratura, não raras vezes na infancia, vio a seu pae deslocado dos deveres officiaes pelas agonias de um povo, que, depois de invadido se encontrava em revolução. Ambos nasceram n'uma época, que já mais se olvida da memoria. Pelo que, o primeiro foi poeta, cuja vida e versos foram um acervo de dôres. O segundo começou sua carreira litteraria pelas estrophes a um morto, e continuaria descrito, se as grandezas da Hispanha, que se lhe travaram na idade juvenil com outras recordações, não viessem avigorar-lhe a lyra. Ambos foram romanticos.

Hoje, que tanto se escreve da escola romantica, e com desprezo, ninguem attenta em que o romantismo foi um facto psychologico de uma época inteira; e o qual, mais convem observar e definir, do que condemnar sem criterio sufficiente. Os homens do romantismo, os mais eminentes, haviam nascido, durante as pugnas civis da revolução. Suas mães, inquietas, tristes, sempre assustadas, tinham-os dado á luz nas miserias da emigração, perdidos os bens patrimoniaes, ou no recesso obscuro da provincia, alanceadas pelas alternativas dolorosas e dramaticas de seus maridos, encarcerados, perseguidos ou mortos no patibulo. Decorrendo-lhes a infancia e a adolescencia, entre os accasos diferentes da politica ou das guerras, trouxeram para o mundo da acção ou do pensamento a excessiva anciedade agonisada, entristecida, exaltada de suas mães, e as paixões dos paes. D'aquelle seu temperamento assim feito, nasceu uma arte nova, que foi soberana e omnipotente no tempo em que viveram, e depois que elles desceram ao tumulo; soberana e omnipotente em todos os actos da vida intima, civil ou politica. Chamaram-lhe romantica por vir das entranhas do vulgo, da nação, que assim traduzia na arte dos governos, ou dos espiritos a tragedia unica cujos lances dramaticos se moviam no seu coração. A escultura, a architectura, a poesia, a palavra, as instituições não mais fizeram, que dar forma, expressão e vida a essa psychologia intima e sentimental, que todos sentiam em si ou irrompendo na lembrança. D'este modo se explicam as letras da Europa, nas primeiras decadas do seculo, e não menos a litteratura da peninsula, em que Espronceda e Zorrilla são duas lyras. A poesia moderna apparece tal como a aurora das sombras da noite; brilha, augmenta de luz e vida, e a final decaie e morre, nas sombras do crepusculo, que é esta época, termo de um formoso dia. E' que as nações adormecem, se faltam os homens de claro entendimento, e, quando os principios e ideias que encantavam e faziam a felicidade e a ventura de tantos, vão envelhecendo, e a final já nada dizem ao espirito humano, que outr'ora com ellas se arraiava, e d'ellas fazia a sua gloria. São as syncopes dos seculos, que nem se sabe porque, se dão quasi ao seu termo!

Nada do que, porem, succedeu na epoca de que

fallamos — a de Zorrilla. Feito ruinas o pedestal de tudo quanto um longo passado havia imposto á veneração, o povo hispanhol, que tanto se callara durante seculos, começa de balbuciar versos, discursos, revoluções: falla, e acha encantos na palavra. Vê que ella é tambem um estoque doirado, o qual, na referta das ideias, bem pode ser uma arma de combate; pelo que desce á arena; vigoroso, porque tem mocidade; forte porque tem poesia. Eram moços os poetas, os tribunos, os escriptores; eram poetas os *patriotas*, que faziam *pronunciamentos*, usando chapéo á Fernando Cortez ou á Bolívar. O romantismo, quebrados os antigos moldes da arte, tudo invadira. E estava bem nos homens, que combatiam nas praças, nas montanhas, ou na tribuna, postos os olhos na sua dama, pois o idolo da constituição era, em toda a peninsula, quer na Hispanha ou em Portugal — uma mulher. Tudo era pois renascimento; tudo era poesia. O mesmo que, entrado nas revoluções como o duque de Rivas, mostrava firmeza inabalavel e convicções energicas, ao vestil-as, em discursos eloquentes, da sua palavra prestigiosa, esse tal era tambem o poeta, festejado e applaudido, que á politica dava o drama de seus versos, e ao mundo real a poesia de seus dramas. Agora começa de comprehender se a razão do popular acolhimento de Zorrilla, e porque lhe fizeram apoteose, no palacio de Carlos V, em Granada, indo depor na sua frente a corõa dos immortaes, o filho d'aquelle Angel de Saavedra, duque de Rivas, seu companheiro e amigo nos tempos da mocidade. Compreende-se; e mais ainda não dissemos de seus versos. De 1837 a 1843 a peninsula escuta attenta os queixumes de Espronceda, de cuja lyra nas cordas repletas de suspiros, canta a dor paixões sem consolo, desillusões na flor dos annos, o tedio da vida, e, termo final de tantos desesperos e tristezas — o tumulo; mas a mandora emmudece ao colher a morte o descrito pelos 33 annos, e fica sem rival e superior a todas a de Zorrilla, que em breve deixará de ser:

«Poeta del dolor, bardo sombrío»

para remontar ao mais alto lyrismo, ou ás tradições do mais longiquo passado.

(Continúa)

Conde de Valençãs.

OS MEUS LIVROS

XXII

(Concluido do n.º 509)

Cita-nos depois as *Violetas* e *Dispersos* de Manuel de Mouta, e passa a tratar das *Canções do Mondego* de Silva Gayo de quem dá, traduzido, um bello trecho de este sympathico critico de arte, é a parte que Formont diz poder intitular-se o *livro de Coimbra*.

Os livros *Crepusculares*, *Catharina de Athayde* e *Poesias* de Macedo Papança conde de Monsaraz, são tidos por Formont obras que lhe fazem lembrar A. de Musset, no que não estamos completamente de accordo.

Eugenio de Castro, auctor dos *Oaristos*, *Horas* traduz dos *Horas*, Maxime Formont, a poesia *Quando a morte vier*, e quando se refere ao Symbolismo que representa o modo de Eugenio de Castro lembra os trabalhos de Oliveira Soares *Paraiso Perdido*, o encantador *Livro Branco* de D. João de Castro tam elegantemente feito e de uma inspiração plena de frescura, e *O João* de Antonio Nobre.

Serenatas e *Primavera* de João Saraiva, *Poema da miseria* de Candido de Figueiredo, *Tardes de Primavera* de Queiroz Vellozo, *Hervas* de Coelho de Carvalho, *Rumores Vulcanicos* de T. Bastos, *Sonetos* de Alberto Bramão, *Timidas* de D. Alice Moderno, são avaliados estes trabalhos, por Formont, como uma larga manifestação do talento dos modernos poetas e que, para assim dizer, estabelece a poesia portugueza em solidas bases.

A José de Lacerda, o correcto poeta da *Flôr de Pantano* acha lhe um talento vigoroso; — de Luiz Osorio diz que as *Neblinas* respiram uma tristeza nobre e doce cujo encanto é irresistivel.

O *Livro de Aglais* de Julio Brandão é, para Formont, uma tentativa no sentido de introduzir na poesia moderna os velhos rythmos que a evolução poetica tinha desprezado. O opusculo *Carta de Sá de Miranda* de Urbano de Castro, é comparado por Maxime Formont ao genero de Nicolau Tolentino, e diz que n'elle se alia uma bella inspiração á causticidade satyrica que lhe lembra as *Quintilhas* do grande Sá de Miranda.

Manoel Barradas

SONETOS DE BOCAGE

TEXTO

VERSIONE

A EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES

NO ATHENEU COMMERCIAL DO PORTO

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel das paixões, que me arrastava:
Ah! cego eu cria, ah! misero eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana.

Sciupai la vita in servitude insana
A un drappèl di passion, che mi sviava:
Ah! credea, cieco. ah! misero io sognava
Quasi in me eterna la natura umana.

De que innumeros Sôes a mente ufana
Existencia fallaz me não dourava!
Mas eis succumbe Natureza escrava
Ao mal que a vida em sua origem damna.

Con quanti Soli e quai la mente vana
La mia breve esistenza non dorava!
Or ecco soggiacér Natura schiava
Al morbo che alla morte la via spiana.

Prazeres, socios meus e meus tyrannos,
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos.

Piaceri, miei compagni e miei tiranni,
Quest'alma, rea per sete di gioire,
Nel fondo or vi lanciò dei disinganni.

Deus, oh! Deus!... Quando a morte a luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos:
Saiba morrer o que viver não soube!

O Dio! Quando s'appressi il mio finire,
Lucri in un punto il perduto in tanti anni:
Chi ben non visse, sappia ben morire!

Já Bocage não sou!... A' cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos Céos ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura!

Giá Bocage non sono!... In tomba oscura
Va a finir l'estro mio disfatto in vento...
Ho fatto oltraggio al Ciel! Il mio tormento
Lieve mi renda ognor la terra dura.

Conheço agora já quão van figura
Em prosa e verso fez meu louco intento!
Musa!... Tivera algum merecimento,
Se um raio da razão seguisse pura!

Conosco or bene qual vana figura
Fé in prosa e in verso il mio pazzo talento!
Musa!... D'onór mi saresti argomento,
Se seguíto avess'io la ragion pura!

Eu me arrependo. A lingua quasi fria
Brade em alto pregão á mocidade
Que atraz do som phantastico corria:

Io mi pento. La lingua quasi diaccia
Gridi alto a chiunque è in giovanile etate
Che a suon vuoto io tenea vòlta la faccia.

Outro Aretino fui!... A santidade
Manchei... Oh! se me crêste, gente impia,
Rasga meus versos, crê na Eternidade!

Nuovo Aretino fui!... La santitate
Macchiai... Se a me credesti, empio, ora straccia
Miei versi, e credi nella Eternitate!

Tu de quantos dragões o Inferno encerra
E's o peor, Inveja pestilente!
Morde a virtude, ao merito faz guerra
Teu detestavel, teu maligno dente.

Fra quanti mostri in sé l'Inferno serra,
Sei tu il peggiór, Invidia pestilente!
La virtù morde, e al merito fa guerra
Il detestabil tuo maligno dente.

Athenas, por teu mando, iniquamente
O defensor Themistocles desterra;
O gran Pacheco, o raio do Oriente,
Por ti, cruel, sem funeraes se enterra.

Fu ben per te che Atene iniquamente
Temistocle bandì dalla sua terra;
E il gran Pacheco, il fúlmine d'Oriente,
Per te, senza onór fúncbri s'interra.

Lividas gottas de infernal peçonha
Cuspiste sobre o nectar, que a ventura
Por mãos de neve m'off'receu risonha.

Sputasti goccie d'infernal veleno
Sul nèttare, che offerir mi fé ventura
Da nivea man per consolarmi appieno.

E, depois de tragar-me a Parca dura,
Ha-de ir ainda a tua voz medonha
Minha cinza affrontar na sepultura.

E spento ch'io sarò da Parca dura,
L'infame voce tua, rotto ogni freno,
M'insulterà fin nella sepultura.

Miseranda Innocencia, és nome abstracto,
E's um titulo vão da humanidade;
Quando se envolve em sombras a verdade,
Quando soffres do crime o duro tracto!

Sei, misera Innocenza, un nome astratto,
Sei vanto inútil della umanità;
Quando in ombra si tien la verità,
Quando soffri l'accusa d'un misfatto!

Que importa que eu conserve o peito intacto
Das peçonhentas fezes da maldade?
Que em cumprir tuas leis, oh proibidade,
Fosse meu coração fiel e exacto?

Che vale ch'io conservi il core intatto
Dal rio velén della malvagità,
E che in serbar tue leggi, o proibità,
Fosse lo spirito mio fedele e esatto?

Que importa, se a calúnia m'o desmente?
Se o ser do parecer é tão diverso,
E em vão se oppõe o interno ao aparente?

Che val, se la calúnia nol consente?
Se l'esser dal parère è sì diverso,
Se inván s'oppón l'interno all'apparente?

Opinião, rainha do universo,
Ante o teu tribunal omnipotente,
Socrates impio foi, e eu sou preverso!

Opinion: tu che reggi l'universo,
Nanti il tuo tribunale onnipotente,
Socrate um empio fu, son io perverso.

Já por barbaros climas entranhado,
Já por mares inhospitos vagante,
Victima triste da fortuna errante,
Té dos mais desprezíveis desprezado,

Or fra nazioni barbare inviato,
Ora per mari inóspiti vagante,
Vittima ognor della fortuna errante,
Fin dai piú disprezzabili spregiato,

Da fagueira esperança abandonado,
Lassas as forças, pallido o semblante,
Sinto rasgar meu peito a cada instante
A magoa de morrer expatriado.

Da seducente speme abbandonato,
Stanche le forze, pallido il semblante,
Sento squarciarsi il petto ad ogni istante
Dal timór di morire spatriato.

Mas ah! Que bem maior, se contra a sorte,
Lá do sepulcro no sagrado hospicio
Refugio me promete a amiga Morte!

Ma ah! é pur gran bene, se contro la sorte,
Lá della tomba nel sacrato ospizio
Scampo promette a me l'amica Morte!

Vem pois, oh Nume aos miseros propicio,
Vem livrar-me da mão pesada e forte
Que de rastos me leva ao precipicio!

Vien dunque, o Nume ai miseri propicio,
Sálvami dalla man pesante e forte
Che mi trascina verso il precipicio.

Prospero Peragallo.

A exposição d'este anno, no Atheneu Commercial do Porto, se conta, no seu conjunto, um grande numero de quadros, não está comtudo mais interessante nem mais opulenta, artisticamente fallando, do que outras que anteriormente alli se tem realisado.

A não ser a bem dizer, meia duzia de boas té-las que este anno se exhibem, tudo o mais é mediocre, vulgar, sem individualisação e como que a reproducção das insignificancias que a impericia e o commercio vão estadeando todos os annos para provocar, ás vezes até por preços de grande capitão, o appetite de algum comprador ignorante, mas en-tinheirado.

Desde que entre nós se pinta mais por necessidade, do que por amor á arte, a obra hade ser sempre mesquinha e defeituosa, não sahindo além dos limites marcados ao que o «mercado pôde dar».

E como esse mercado não dá muito, cada um trata de arranjar a vida conforme pôde. Sem inspiração nem dote, vivendo apenas da rotina, o nosso artista (fallo só de algum, entenda-se), lá vae imitando quanto pôde os de maior pulso, fazendo umas paizagens sem ideal nem verdade, ou pintalgando umas figuritas sem imputação.

De longe a longe lá apparece um arrojado, um talento verdadeiro, uma boa vontade decidida, mas ás vezes essas fulgurações do genio empanam-se ao cabo de uma certa lucta e declinam por fim á falta de estímulo e de boa lição.

Deixe-mos, porém estas tristes considerações suggeridas pela pobreza da nossa arte e entremos no assumpto d'este artigo.

O melhor quadro da actual exposição é a «Pen-sativa», de Marques de Oliveira.

Uma candida figura de rapariga da aldeia, fiando uma pouca de estopa que tem no regaço.

Simples, mas bello. Ha uma suave caracterisação da figura, ideal e sonhadora, excellente a attitude, magnifica a carnação de tons sanguineos, magistralmente tratadas as roupas. Tudo isto envolto em uma atmospheria clara e risonha.

Este quadro, que faz lembrar muito no seu todo, o genero Bastien Lepage, é uma verdadeira obra-prima. Como porém custa 125.000 réis, não teve comprador!

De muito menor valor o «Tear», interessante pelo episodio, mas falto de vida e de côr. Tudo aquilo, além de monotono, está acanhado. A figura mais interessante é a da rapariga sentada ao tear, a qual tem um bom movimento e certa expressão.



CABEÇA DE ESTUDO
(Marquez de Oliveira)

A «cabeça de estudo», reproduz fielmente um dos typos vulgares das nossas raparigas. Se bem que não de todo acabada, a parte concluida está bem desenhada e pintada.

Marques de Oliveira tem ainda algumas pequenas paizagens interessantes e bem observadas, taes como o «Caminho», «Azenha», «Centeio» e «Fim da Tarde».

Depois de Marques de Oliveira, vem naturalmente Silva Porto, que continúa a ser o nosso primeiro paizagista.

A sua «Manhã» (margens do Ave), é um quadro de primeira ordem.

A formosura da paizagem, tão magistralmente interpretada e o effeito magnifico da vaporisação da agua do ribeiro, nas primeiras horas da madru-

gada, dão a esta t'ela um encanto sem igual. E' enfim uma verdadeira obra de mestre.



VOLTA DO TRABALHO
(Silva Porto)

Temos depois a «Volta do trabalho», pittoresca scena do Minho, em que se vê uma junta de bois conduzida por um homem. N'este quadro, tambem excellentemente pintado, os animaes teem tanta vida, que parecem mover-se atraz do lavrador que os tira.

Ha ainda uma linda paisagem «Na eira», e «Os cavallos bebendo», scena do Riba Tejo, regularmente pintada.

Souza Pinto não apresenta este anno nada de notavel. Receiando as consequencias das fumigações na fronteira, limitou-se a metter na mala meia duzia de estudos, alguns d'elles até bem insignificantes. Umas cabritas, e uma ou outra impressão, eis tudo. De quanto expõe, apenas tem para nós certo valor o «Fim da tarde», que é sobretudo interessante como mancha.

Um artista que já se nos revelára de merecimento, mas que agora se apresenta como um pintor de grande futuro é Julio Gonzaga Ramos, que está estudando actualmente em Paris.

As suas t'elas «Depois do aguaceiro», «Ao entardecer», «Ao pôr do sol» e o «Sena em Erolles», são de um valor incontestavel. Ha em todas ellas uma intelligente observação da natureza, uma reproducção fiel e sentida da impressão recebida e finalmente qualidades que fazem destacar essas pinturas, como as de um artista de coração e de talento.

Dentro em poucos annos, Silva Porto terá em Julio Ramos um dos seus mais fortes e serios concorrentes na paisagem.

Antonio José da Costa exhibe um bom numero de quadros de flores e de paisagem.

Dos primeiros, o melhor, o mais bem pintado, o que tem um arranjo mais gracioso ó o que se intitula «Artemisias».

E' uma excellente pintura.

Ha ainda umas rosas e umas camelias apreciaveis, bem como umas peras muito appetitosas.

Em paisagem ha de tudo. Bom, soffrivel e mau. Entre o bom assignalaremos por exemplo «Um aido», «Portaes de Marão», etc.

Julio Costa apresenta-se este anno muito bem. O seu principal quadro é o que tem por titulo «Aromeira». Uma bella cabeça de rapariga, enfeitada com o caprichoso chapéu de palha ordinaria, das grandes romarias. Não tem nada, certamente, de vulgar aquelle typo, que pelo contrario se accentua pela delicadeza das suas linhas; está mesmo feita bastante do *chic* aquella cabeça, um tanto amaneirada, mas apesar de tudo isso o quadro impressiona agradavelmente pela alegria do colorido e pela vibração d'aquella nota, em que predomina com brilhantismo, o encarnado e o amarello.

E' igualmente interessante a figura da pequenita, que o pintor intitulou «Compromettida». Ao primeiro relance dir-se-ia um menino do côro, em consequencia do babeiro branco que cobre a figura, mas apoz um certo exame percebe-se o que é e o que o artista teve em vista.

De menor valor artistico, mas ainda assim digna tambem de apreço, é a outra figura «Um vencido». Um rapazito que foi um heroe em uma guerra á pedrada, do que saiu ferido em uma das mãos, que traz ao peito.

Julio Costa expõe mais dous retratos, que primam pela similhaça.

Almeida e Silva, continua a ser um trabalhador *enragé*. Todos os assumptos o impressionam, todos os generos o enthusiasmam. N'este verdadeiro fervor de estudar e de produzir, o distincto artista desnortheia ás vezes e assim a sua obra é quasi sempre desigual e desconnexa no seu conjunto.

A par de um quadrosinho bem desenhado e bem pintado, Almeida e Silva, arremeça-nos ás

vezes aos olhos uma pequena *machine* estapaferdica e retumbante.



UM VENCIDO
(Julio Costa)

Na presente exposiçõem tem quadros apreciaveis e outros mediocres.

«Mater Dolorosa» é uma figura melancolica, expressiva, cheia de grande mysticismo que deve envolver sempre a phisionomia da doce mãe de Jesus. O rosto é de uma modelação um tanto dura, mas o todo impressiona pela caracterisação bem sentida d'aquelle delicioso typo de mulher soffredora e resignada.

«Elegia Pantheista», tem qualidades de perspectiva e de côr local apreciabilissimas. As figuras do sacerdote e do rapazinho, caminham bem ao longo da extensa campina, mas o genero de pintura é mau e faz elle sobretudo perder todo o calor ao quadro. Nunca sympathisamos com aquella *maneira* de pintar, que é muito peculiar a um artista d'esta cidade.



VINHO NOVO EM CASCO VELHO
(Almeida e Silva)

«Vinho novo em casco velho», um bom typo de beberão, bem comprehendido e bem pintado. «No campo», um interessante estudo de paisagem, no meio da qual se destaca, caminhando, um camponio. Finalmente uma «cabeça de aldeão», muito expressiva e desenhada com cuidado. E eis, de Almeida e Silva, o que mais nos atrahiu a attençaõ.

Marques Guimarães dá-nos alguns bellos retratos, entre os quaes occupa o primeiro lugar o do ex.^{mo} bispo de Cochim. A phisionomia expressiva d'este sacerdote, as vestes prelaticas e finalmente aquelle todo veneravel do retratado, dão ao quadro um interesse palpitante.

Marques Guimarães extremou-se n'elle não só pelo modo como o desenhou, como pela verdade e naturalidade com que interpretou e pintou as roupagens.

Um outro retrato tambem muito bom e perfeitamente caracterisado é o do sr. José A. Silva Pereira.

O retrato da mãe do artista tem algumas qualidades boas, mas achamol-o peor deschnhado, a não

serem as mãos, que estão excellentes, sendo do mesmo modo a côr pouco impressiva.

(Continúa)

Manoel Maria Rodrigues.



REVISTA POLITICA

Quando a nossa ultima revista sahio á luz publica, já o sr. conselheiro Hintze Ribeiro tinha organiado ministerio com uma presteza que nos fez lembrar a d'aquelles artistas que, perante os espectadores do circo pintam um quadro em cinco minutos.

Aquillo foi dito e feito. Valha-nos isso.

Se a obra não fôr de dura não será para admirar, porque sempre se ouviu dizer «coisas á pressa boas não podem ser» lá o affirma o sebastianista na sua trova.

O ministerio formou-se com todos os sete ministros, numero igual ao dos peccados mortaes. Sete ministros dos quaes cinco são novos em folha e dois tem algum uso, é como quem diz as chocas... ou os pilotos do porto, que já conhecem os cachoupos e as restingas d'este mar encapelado da publica administraçãõ.

Os ministros novos são os srs. Neves Ferreira, da marinha, Augusto Fuschini, da fazenda, Bernardino Machado, das obras publicas e Pimentel Pinto, da guerra. Os usados são os srs. Hintze Ribeiro, presidente do conselho e ministro dos estrangeiros, e João Franco Castello Branco, do reino.

O novo ministerio apresentou-se ás camaras no dia 22 e esboçou o seu programma principiando por declarar que não tinha illusões, o que sempre é bom saber-se para termos a certeza que está livre de pesadellos ou sonhos que lhe perturbem as faculdades.

Assim, pois, sem illusões, vae solicitar do poder moderador amnistia para os crimes politicos exceptuando os que tiverem sido praticados por officiaes militares; apresentará um projecto de lei de imprensa em sentido mais liberal do que a lei de 1890, e no mesmo sentido outro regulando o direito de reuniãõ. Falla da responsabilidade ministerial, sobre que tambem vae legislar e vae revêr a organisação dos corpos administrativos no sentido da descentralisação, excepto no que respeita a lançamentos tributarios e recursos ao credito, e diz que põe de parte o artigo da nova lei que tirou aos municipios o direito de administrar e dirigir as suas obras. Tambem se refere á instrucção publica que deseja tornar mais util e elevada. Com respeito á divida externa, promete pagar o mais que fôr possivel em harmonia com os recursos do thesouro, o que de resto parece ser o que todos os governos tem procurado realisar sem que tenham chegado a uma conclusãõ nitida e deffinida.

Para estudar e concertar os meios de resolver a questãõ dos credores estrangeiros e formular os projectos das reformas financeiras, pediu o governo cerca de tres mezes de espera, solicitando do chefe do Estado o addiamento das côrtes até 15 de maio, o que lhe foi concedido.

Sobre o programma do governo, os jornaes mais affectos á situaçãõ tem batido as palmas e deitado os foguetes, dizendo que com elles está todo o paiz, porque d'esta vez é que é certo salvar-se a patria e entrarmos n'um mar de rosas.

Para principiar a cumprir o programma annunciado, o governo já decretou a amnistia dos crimes politicos, sendo dada a liberdade aos presos paisanos que estavam cumprindo sentença como implicados na revolta de 31 de janeiro.

Isto vae de accordo com a politica mansa que o sr. Hintze Ribeiro diz que quer seguir.

Mais se diz que o sr. ministro da fazenda estuda o modo de acabar com o imposto de consumo, substituindo-o pelo imposto pessoal, o que será mais simples e equitativo.

Muitas mais coisas se dizem, mas que não vale a pena por ora gastar tinta e tempo com ellas, e enquanto tudo para ahí é adinhar e a imaginar delicias, nós vamos ficando calados, porque já a freira dizia ao namorado, que o calado era o melhor.

As doces esperanças em que este povo vive com respeito aos politicos que lhe dirigem os destinos ha meio seculo a esta parte, tem-o tornado um povo de sebastianistas!

Salvê, pois, sebastianistas!

João Verdades.